

DOSSIÊ: A 'POLI-PERIFERIA' E O 'GIRO PERIFÉRICO' NOS ESTUDOS URBANOS

PERIFERIAS AFRICANAS E AS CIRCUNSTÂNCIAS BRASILEIRAS

Alan Mabin*

*Universidade de Witwatersrand, Escola de Arquitetura e Planejamento, Joanesburgo, África do Sul

Resumo

Um grande número de trabalhos publicados atualmente examina diversos aspectos das periferias das cidades brasileiras. As periferias certamente não são apenas áreas de pobreza, negligência e privação, mas também podem ser áreas de riqueza. Do outro lado do Oceano Atlântico, na África, periferias muito diversas são os locais de maior crescimento urbano. A terminologia usada para descrever essas áreas varia, e a palavra “subúrbio” é geralmente usada de diferentes maneiras. Como ocorre no Brasil, a diversidade e a complexidade formam um tema de trabalho no que concerne às periferias urbanas africanas, reconhecendo a mistura de autoconstrução, projetos conduzidos pelo Estado e “desenvolvimentos” com fins lucrativos altamente capitalizados. A governança periférica requer um alto grau de coerência intersetorial e interescalar. Há um enorme escopo para um tráfego bidirecional de trabalho sobre periferias entre a África e o Brasil.

Palavras-chave

Desenvolvimento Urbano; Urbanidades; Sul Global; África; Periferias; Subúrbios.

SPECIAL ISSUE: 'POLY-PERIPHERY' AND THE 'PERIPHERAL TURN' IN URBAN STUDIES

AFRICAN PERIPHERIES AND BRAZILIAN CIRCUMSTANCES

Alan Mabin*

*Universidade de Witwatersrand, Escola de Arquitetura e Planejamento, Joanesburgo, Republic of South Africa

Abstract

Substantial published work now examines diverse aspects of peripheries of Brazilian cities. Peripheries are certainly not only areas of poverty, neglect and deprivation, but can also be areas of wealth. Across the Atlantic ocean from Brazil, in Africa peripheries of great diversity are the sites of most urban growth. Terminology used to describe these peripheries varies and the word “suburb” is often used in various ways. Like Brazil, diversity and complexity form a theme of work on African urban peripheries, recognising the mix of autoconstruction, state directed projects, and highly capitalised for-profit “developments”. Peripheral governance requires intensive inter-sectoral and inter-scalar coherence. There is enormous scope for a two-way traffic of work on peripheries between Africa and Brazil.

Keywords

Urban development; Urbanities; Global South; Africa; Peripheries; Suburbs.

PERIFERIAS AFRICANAS E AS CIRCUNSTÂNCIAS BRASILEIRAS

Alan Mabin

No final de 2024, o importante periódico *Society and Space* concedeu ao artigo de Teresa Caldeira (2017) “Peripheral Urbanization: Autoconstruction, Transversal Logics, and Politics in Cities of the Global South” o reconhecimento de artigo “mais lido nos últimos seis meses”, mostrando que a autora estava um pouco à frente da curva em relação às periferias e também que seus argumentos continuam convincentes ao se pensar sobre as “periferias” oito anos depois.

Apesar de a autoconstrução ter sido o modo dominante de urbanização e acesso à moradia para as populações de baixa renda nas cidades brasileiras, em 2009 o governo federal introduziu o Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV) [...]. Vale destacar, porém, que a maioria dos empreendimentos para o grupo de renda mais baixa está nas periferias – não apenas da cidade, mas da região metropolitana mais ampla. Assim, embora a ilegalidade e a irregularidade não estejam sendo reproduzidas, a separação está, pois os empreendimentos estão em geral localizados em lugares remotos, reforçando um padrão de segregação espacial e social [...]. (Caldeira, 2024, p. 21-22)

Um volume considerável de trabalhos publicados atualmente examina diversos aspectos das periferias das cidades brasileiras. A literatura levanta todo tipo de questão, incluindo aquelas referentes à informalidade e às geografias urbanas. Um ponto claro que emerge desses trabalhos é que as periferias são diversas no que concerne aos aspectos sociais, econômicos, físicos, políticos e, de fato, geográficos, uma noção deliciosamente capturada no título de D’Andrea (2021), *40 ideias de periferia*. Olhar para a cidade “de fora para dentro” (Keil, 2017) revela a crescente importância dos “subúrbios” e suburbanismos e das muitas formas distintas de periferia. A ideia de “urbanização planetária” (Brenner; Schmid, 2011) e a noção originalmente brasileira de “urbanização extensiva” (Monte-Mór, 2005) levam as possibilidades das periferias ainda mais longe, a um ponto ao qual este breve artigo retorna posteriormente.

As periferias certamente não são apenas áreas de pobreza, negligência e privação. Na região metropolitana de São Paulo, o contraste entre favelas em lugares como São Francisco (na zona leste da cidade) e os condomínios fechados de Alphaville (divididos entre os municípios de Barueri e Santana de Parnaíba, na região oeste) é apenas um exemplo, e, como Caldeira observou, o PMCMV (Programa Minha Casa, Minha Vida) acrescentou novas complexidades aos conceitos de periferia.

Do outro lado do Oceano Atlântico, periferias muito diversas são os locais de maior crescimento urbano. A África está caminhando para ter a segunda maior população urbana continental depois da Ásia – superando em muito a Europa e as Américas. Nesse contexto, formulei há uma década a seguinte pergunta: “De que maneiras a África tem subúrbios? Que tipos de suburbanismo podem ser identificados na África? Ou seriam esses termos simplesmente imposições de um mundo desenvolvido ou do Norte/Ocidente?” (Mabin, 2013, p. 155, tradução nossa). Aqui, encontramos diferenças lexicais entre línguas e contextos: na África, pelo menos onde o inglês é o idioma predominante de pesquisa e publicação, bem como de uso cotidiano, o termo *suburb* [subúrbio] tem um significado semelhante ao que apresenta nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Austrália, que não é de forma alguma idêntico ao sentido de “subúrbio” em português. Portanto, em contextos africanos, *suburb* [subúrbio] geralmente se refere a zonas de classe média ou abastadas a certa distância de áreas urbanas mais antigas e “centrais”, bem como outras áreas de periferias que podem ser habitadas por pessoas muito pobres.

A resposta indireta é que, em todos os locais onde as cidades estão crescendo rapidamente, a maioria dos habitantes, assim como dos transeuntes, estará em lugares que são novos em relação aos locais e centros originais. Alguns dos novos espaços ocupados podem ser definidos verticalmente (McNeill, 2020) – claramente o que ocorre em cidades de São Paulo a Sydney –, mas a maior parte deles provavelmente será periférica, no sentido de estar além da antiga extensão da “área urbana”, medida a partir de centros mais antigos. De “fora para dentro”, isso implica a ideia de ser um espaço pelo qual os viajantes passam antes de chegar a essas áreas mais antigas. Idiomas diferentes refletem esses pontos de vista diversos: basta comparar *suburb*, em inglês – algo subordinado à cidade – com *Vorstadt*, em alemão – algo que se vê *antes* de se aproximar da cidade. O que vem *antes* da cidade mais antiga, em vez de *depois* dela, é às vezes uma maneira de descrever as periferias em línguas africanas também. Em todas as cidades africanas existem periferias onde muitas novas expansões estão ocorrendo. Algumas delas podem até ser semelhantes às periferias em outros continentes, mas a diversidade, para não falar da aparência recente, de grande parcela das populações e dos espaços periféricos (e urbanos) na África significa que elas são exceção.

O termo *suburban* [suburbano] tem sido frequentemente usado com uma conotação negativa. Ele pode significar “menos que” ou “não totalmente” urbano. Afirmarões como essa poderiam depreciar a maioria dos espaços nas cidades africanas como “não ainda”, “não totalmente” ou “não adequadamente” urbana. Acadêmicos que abordam os suburbanismos na África evitam criar uma moralidade de urbanismos e suburbanismos; há uma sensação de busca pela “cidade que ainda está por vir” (Simone, 2004). Ademais, o subúrbio também passou a significar algo sobre o *novo* em atos de reivindicação da periferia. É possível que os espaços e bairros periféricos sejam os mais criativos em campos como a música, a arte e novas formas de expressão e de ser. A energia das áreas mais novas, até mesmo daquelas mais distantes do centro, pode ser um sinal importante de mudanças nas espacialidades da criatividade e no “agora” não apenas em locais africanos, mas também em Paris (Mabin, 2013, p. 157).

A diversidade e a complexidade compõem um tema de trabalho sobre as periferias urbanas africanas, reconhecendo a mistura de autoconstrução, projetos conduzidos pelo Estado e “desenvolvimentos” com fins lucrativos altamente capitalizados (Bloch; Mabin; Todes, 2022). A maior parte da literatura se concentra em assentamentos “informais”; em alguns casos, exploram-se projetos públicos ou estatais, sobretudo na África do Sul, mas também em outros pontos do continente (Freund; Mabin, 2023, p. 43-29). Faz-se referência aos novos desenvolvimentos formais e caros, capitalizados e geralmente fechados, que geraram preocupações nos trabalhos que os abordaram (Watson, 2014).

Uma importante contribuição para os estudos de periferias africanas surgiu em 2024 (Meth et al., 2024), em uma obra cujos colaboradores se concentraram em periferias urbanas na Etiópia e na África do Sul, apresentando também materiais de outros países, especialmente Gana.

Onde as periferias urbanas africanas são consideradas por si só, a literatura normalmente se concentra em desafios específicos associados à expansão urbana e ao desenvolvimento periurbano, como transporte, construções informais e déficits de infraestrutura, ou sistemas tradicionais de terras e mudanças no uso da terra. Este livro aceita o desafio de examinar as periferias urbanas africanas holisticamente, não apenas como espaços às margens da cidade, mas como novos ambientes socioeconômicos que dão origem a padrões e dilemas distintos da vida urbana. (Meth et al., 2024, p. 1, tradução nossa)

O trabalho de Brenner e Schmid (para referências selecionadas, ver Brenner; Schmid, 2011; Schmid, 2018) contesta ideias consolidadas de urbanização e da extensão do urbano. A noção de “urbanização planetária” proposta por Brenner e Schmid foi alvo de amplo debate (Ruddick et al., 2018), e parece que a ideia de

“urbanização extensiva”, originalmente discutida por Monte-Mór (2005) em relação às mudanças no urbanismo brasileiro, foi considerada mais provocadora do que o conceito mais amplo de “urbanização planetária”. Independentemente de a ideia de “cidade” poder ou não ser abandonada, o argumento fundamental é que “o urbano” se estende em todas as direções, até mesmo, por exemplo, em partes remotas da Bacia Amazônica ou na Bacia do Congo, na África. As formações contemporâneas de vida em lugares aparentemente distantes e geograficamente separados de ambientes urbanos densos refletem esses padrões. Em certo sentido, essas ideias seguem o pioneiro da análise urbana, Louis Wirth, em sua noção de quase 90 anos de “urbanismo como modo de vida”:

Enquanto identificarmos o urbanismo com a entidade física da cidade, vendo-o meramente como algo rigidamente delimitado no espaço, e procedermos como se os atributos urbanos cessassem abruptamente de se manifestar além de uma fronteira arbitrária, provavelmente não chegaremos a nenhuma concepção adequada do urbanismo como um modo de vida. [...] A urbanização [...] se refere também àquela ênfase cumulativa nas características distintivas do modo de vida associado ao crescimento das cidades [...]. (Wirth, 1938, p. 4-5, tradução nossa)

Diversas formas de mudança periférica se combinam para criar um terreno caracteristicamente novo para a vida urbana na África. As pessoas que vivem nesses espaços periféricos, os utilizam e os constroem estão os transformando em novas formas do urbano. Em geral, as políticas e o planejamento ainda não se envolveram profundamente com a forma e as mudanças das periferias africanas. Nesse sentido, parece que o engajamento da política e do planejamento com as periferias brasileiras está à frente das circunstâncias na África. Como afirmam Melo e Pereira (2024), a democracia brasileira enfrentou inúmeros desafios na última década, mas as instituições democráticas resistiram e seguem vigilantes. Os reveses enfrentados pelo movimento de reforma urbana foram, até certo ponto, revertidos assim que Lula voltou a ocupar a presidência, em 2023, tendo uma de suas primeiras medidas sido a recriação do Ministério das Cidades – com uma divisão intitulada Secretaria Nacional de Periferias (SNP), destinada a concentrar o investimento em favelas e outras partes periféricas mais pobres das cidades (Simões; Medeiros, 2025).

A literatura africana mais recente argumenta que

[n]ão há uma recomendação política ou diretriz prática única para a periferia urbana, mas está claro em todos os casos que a governança periférica requer um alto grau de coerência intersetorial e interescalar. Ela geralmente enfrentará resistência daqueles que se beneficiam da governança liminar, contestada e obscura existente

nas periferias e demanda esforços concentrados por parte das autoridades centrais e regionais, bem como uma inclusão significativa dos moradores periféricos como cidadãos ativos. (Meth et al., 2024, p. 311, tradução nossa)

Ao buscar a diversidade, as histórias e os possíveis futuros das periferias urbanas, uma questão adicional a ser abordada está implícita em outro uso do termo “periferia”. No livro de Erminia Maricato (1996), bem conhecido no Brasil e provavelmente muito menos difundido em outras partes do mundo – para um artigo em inglês intimamente relacionado, ver Maricato (2018) –, o passado, o presente e os possíveis futuros das cidades “na periferia do capitalismo” formam as questões centrais. Assim, de certa forma, surge um conceito de “periferia da periferia” – em um sentido ligeiramente diferente daquele de Cruz e Legroux (2023) –, o que constitui uma perspectiva que muitas vezes falta na literatura sobre periferias urbanas africanas. Há um enorme escopo para um tráfego bidirecional de conceitos entre a África e o Brasil, e talvez a próxima década veja novos avanços no pensamento sobre periferias à medida que tal troca (e colaboração) se desenvolva mais.

Referências

- BLOCH, R., MABIN, A.; TODES, A. Africa’s Suburban Constellations. In: KEIL, R.; WU, F. (Eds.). *After Suburbia: Suburbanization in the Twenty-First Century*. Toronto: University of Toronto Press, 2022. p. 303-318.
- BRENNER, N.; SCHMID, C. Planetary Urbanization. In: GANDY, M. (Ed.). *Urban Constellations*. Berlin: Jovis, 2011.
- CALDEIRA, T. Peripheral Urbanization: Autoconstruction, Transversal Logics, and Politics in Cities of the Global South. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 35, n. 1, p. 3-20, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0263775816658479>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- _____. Urbanização periférica: autoconstrução, lógicas transversais e política em cidades do sul global. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 26, n. 1, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202436>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- CRUZ, T.; LEGROUX, J. Estigma territorial e diferenciações socioespaciais da/na periferia: o caso do Pimentas (Guarulhos-SP). *Revista Terra Livre*, v. 2, n. 59, p. 396-435, 2023.
- D’ANDREA, T. *40 ideias de periferia*. São Paulo: Dandara Editora, 2021.
- FREUND, B.; MABIN, A. Housing for the People, Housing for the Needy: Public Housing across Continents. *Transformation: Critical Perspectives on Southern Africa*, p. 35-67, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/trn.2023.a926449>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- KEIL, R. *Suburban Planet: Making the World Urban From the Outside in*. Cambridge: Polity, 2017.

- MABIN, A. Suburbanisms in Africa? In: KEIL, R. (Ed.). *Suburban Constellations*. Berlim: Jovis, 2013. p. 153-159.
- MARICATO, E. *Metrópole na periferia do capitalismo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. Globalization and Urban Policy on the Periphery of Capitalism. 2018. Disponível em: https://www.labhab.fau.usp.br/wp-content/uploads/2018/01/maricato_globalizationurbanpolicy.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.
- MCNEILL, D. The Volumetric City. *Progress in Human Geography*, v. 44, n. 5, p. 815-31, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0309132519863486>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- MELO, M. A.; PEREIRA, C. *Por que a democracia brasileira não morreu?* São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- METH, P.; CHARLTON, S.; GOODFELLOW, T.; TODES, A. *Living the Urban Periphery: Infrastructure, Everyday Life and Economic Change in African City-regions*. Manchester: University of Manchester Press, 2024.
- MONTE-MÓR, R. O que é o urbano, no mundo contemporâneo? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 942-8, 2005.
- RUDDICK, S.; PEAKE, L.; PATRICK, D.; TANYILDIZ, G. S. Planetary Urbanization: An Urban Theory for Our Time? *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 36, n. 3, p. 387-404, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0263775817721489>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- SCHMID, C. Journeys through Planetary Urbanization: Decentering Perspectives on the Urban. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 36, n. 3, p. 591-610, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0263775818765476>. Acesso em: 5 abr. 2025.
- SILVA, P. da. Subúrbio. In: TOPALOV, C.; LILLE, L. C. de; DEPAULE, J. C.; MARIN, B. (Eds.). *L'Aventure des mots de la ville: a travers le temps, les langues, les societes*. Paris: Robert Laffont, 2010. p. 1203.
- SIMÕES, G.; MEDEIROS, J. As periferias urbanas como ambiente fértil para mudanças sociais. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V. 27, E202524, 2025. DOI: <https://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202524>.
- SIMONE, A. M. *For the City Yet to Come: Changing African Life in Four Cities*. Durham, NC: Duke University Press, 2004.
- TORRES, H. G.; MARQUES, E. C. Q. Reflexões sobre a hiperperiferia: novas e velhas faces da pobreza no entorno municipal. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 49, n. 4, p. 49-70, 2001.
- WATSON, V. African Urban Fantasies: Dreams or Nightmares? *Environment and Urbanization*, v. 26, n. 1, 2014, p. 215-31.
- WIRTH, L. Urbanism as a Way of Life. *American Journal of Sociology*, v. 44, n. 1, p. 1-24, 1938. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2768119>. Acesso em: 5 abr. 2025

Alan Mabin

Alan Mabin se formou na África do Sul e é doutor pela Universidade Simon Fraser, no Canadá. Ele tem experiência de pesquisa no Brasil, na França, na Tanzânia e na África do Sul. Foi um dos fundadores da Planact, uma ONG de serviço comunitário que teve um impacto significativo tanto durante a luta contra o apartheid quanto no desenvolvimento da política urbana pós-apartheid na África do Sul. Ele publicou prolificamente e foi professor e pesquisador visitante em vários países. Atualmente, atua como professor emérito na Escola de Arquitetura e Planejamento da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, onde ocupou o cargo de diretor entre 2005 e 2010.

Email: alan.mabin@wits.ac.za

ORCID: 0000-0003-3191-2056

Submissão: 10 de outubro de 2024.

Aprovação: 12 de fevereiro de 2025.

Editores da RBEUR: Maria Encarnação Beltrão Sposito e Everaldo Santos Melazzo.

Editores do Dossiê: Matthew A. Richmond, Patrícia Maria de Jesus e Jean Legroux.

Como citar: MABIN, A. Periferias africanas e as circunstâncias brasileiras. *Revista brasileira de estudos urbanos e regionais*. V. 27, E202530pt, 2025 DOI: <http://doi.org/10.22296/2317-1529.rbeur.202530pt>.

Artigo licenciado sob Licença Creative Commons CC BY 4.0.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR